



CONCEPÇÃO E NASCIMENTO DE MARIA NOS APÓCRIFOS

Nos evangelhos apócrifos, a história de Maria revela-nos dados de nossa piedade mariana popular. Segundo esses evangelhos, Maria nasceu de pai e mãe judeus. Seu nascimento foi marcado pela intervenção de Deus em sua vida e na de seus pais. O pai de Maria chamava-se Joaquim. Ele era um homem rico e muito piedoso. Descendente da Tribo de Judá¹, Joaquim casou-se com Ana, filha de Acar, também de sua tribo, quando tinha vinte anos. Passados outros vinte anos, o casal teve filhos. Ana era considerada estéril.

No "Dia do Senhor", era costume de os filhos de Israel apresentarem suas oferendas. Joaquim, então, foi ao Templo apresentar sua melhor oferta. O sacerdote Rúben postou-se diante de Joaquim e lhe disse: "Não é lícito ser o primeiro a apresentar tuas ofertas, porque não tens descendência em Israel"².

A tristeza abateu-se sobre Joaquim. Ele retirou-se do convívio de sua mulher, Ana, e foi para o deserto, "onde jejuou quarenta dias e quarenta noites, dizendo a si mesmo: 'Não descerei daqui, nem para comer nem para beber, enquanto o Senhor meu Deus não me visitar. A oração me servirá de comida e de bebida'"³.

Ana, por sua vez, lamentava profundamente a ausência do marido. Sentindo-se viúva de marido vivo e sem filho, ela dizia: "Chorarei minha viuvez! Chorarei minha esterilidade!"⁴ E rezava "Senhor, Deus santíssimo de Israel, não me deste filho, mas por que me tiraste também o marido? Eis que já se passaram cinco meses que não vejo o meu marido. Nem sei se está morto, para que eu possa ao menos lhe dar uma sepultura"⁵. No terreiro de sua casa, viu um ninho com filhotes de passarinhos e implorou a Deus o dom de gerar um filho. Ela prometeu que tal filho ou filha seria consagrado a Deus no Templo.

A prática de consagrar um filho a Deus era comum naquele tempo. Os consagrados, chamados de nazireus, viviam no Templo de

Jerusalém, no tempo estabelecido pela promessa, em uma vida pura, sem cortar os cabelos e tomar vinho (cf. Nm 6,1-21).

ANA CONCEBE MARIA

Depois da oração de Ana, um anjo do Senhor apareceu e lhe disse que sua oração havia sido ouvida por Deus e que ela conceberia e daria à luz e, em toda a terra, se falaria de sua descendência. O mesmo anjo apareceu a Joaquim e lhe disse: "Sabe que de teu sêmen concebeu (Ana) uma filha, e tu a deixaste, ignorando-o. A criança estará no Templo de Deus. Sobre ela repousará o Espírito Santo. Sua bem-aventurança será superior à de todas as mulheres santas. Ninguém poderá dizer que antes dela houve outra igual e, neste mundo, depois dela não haverá outra como ela"⁶.

O anjo, então, pediu a Joaquim que voltasse para sua casa. Joaquim, maravilhado, ofereceu um holocausto a Deus e retornou. Ana o recebeu com alegria. Após lançar-se a seu pescoço, disse: "Agora sei que o Senhor Deus me abençoou largamente. A viúva não é mais viúva e eis que eu, a estéril, concebi em meu seio"⁷. E notícia espalhou-se por todo o Israel.

A CONCEPÇÃO E O DOGMA DA IMACULADA

Nos textos apócrifos, a concepção de Ana é polêmica. Como vimos, os apócrifos usam o verbo conceber no pretérito e no futuro. O Protoevangelho de Tiago relata que o anjo pediu que Joaquim retornasse, pois Ana havia concebido em seu seio. O verbo no passado quer afirmar que Maria foi concebida sem intervenção de Joaquim e de forma miraculosa. O verbo no futuro supõe o relacionamento sexual posterior de Joaquim. Bem, mas Ana já poderia ter engravidado antes mesmo da partida de Joaquim, como supõe o Evangelho do Pseudo-Mateus.



A piedade popular mariana conserva no devocionário uma canção, que ser tornou muito conhecida: “Oh, Maria, concebida sem pecado original [...]”. Na verdade, essa música tem ligação com a aparição de Maria a Santa Catarina de Labouré (1806-1876), em que se diz: “Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”. Isto ocorreu em 1830. Em 8 de dezembro de 1854, o papa Pio IX (1792-1878) declarou o Dogma da Imaculada Conceição, que diz: “A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria foi preservada imune de toda mancha da culpa original no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em atenção aos méritos de Cristo Jesus Salvador do gênero humano, está revelada por Deus e deve ser, portanto, firme e constantemente crida por todos os fiéis”.

Não podemos ligar necessariamente o pecado original ao relacionamento sexual que nos passa o mal, ao nascermos. Ele é

muito mais que isso. É toda a maldade que está dentro de nós, transmitida de geração em geração. Creio que nascemos em estado de graça pura, sem pecado original. No decorrer da vida, vamos adquirindo a condição de pecador, pois vamos nos dando conta que nossos semelhantes (origem terrena) “estão” pecadores. Assim aconteceu com Maria. Por ser escolhida, ela foi especial também até em seu nascimento. Quando os apócrifos sugerem que Ana concebeu sem a presença de Joaquim, isso foi para dizer que ela era pura, sem pecado. Na vida, Maria também conheceu o erro, se é que queremos chamar isso de pecado. Caso contrário, que mérito teria? Claro que Maria é modelo de santidade. E assim, ela viveu; caso contrário, não seria a mãe de Deus. A exaltação apócrifa e poética mariana, nos textos apresentados neste artigo, querem simplesmente reforçar a fé em Maria, que, desde a concepção, foi escolhida por Deus para revelar seu mistério de encarnação, em Jesus, no meio de nós.

O NASCIMENTO DE MARIA

Depois desses fatos, Joaquim foi ao Templo para fazer sua oferta. Ele sentiu-se consolado por saber que Deus o havia perdoado de todos os seus pecados.

Quando chegou o tempo de Ana dar à luz, Maria nasceu. Alguns manuscritos falam que esse tempo equivale a nove meses, outros, sete meses mais os dois meses que Joaquim ficou longe de Ana, e outro, seis meses. Tal pormenor reforça a ideia da concepção de Ana sem a presença de Joaquim.

Ao dar à luz, conforme Protoevangelho de Tiago (v.2), Ana perguntou para a parteira: “A quem dei à luz?” A parteira respondeu: ‘Uma filha’. E Ana exclamou: ‘Hoje minha alma foi enaltecida!’ E deitou a criança. Quando se completaram os dias prescritos pela lei, Ana fez as purificações pelo parto, deu o peito à criança e lhe pôs o nome de Maria”.⁸

Na liturgia da Igreja Católica, o dia do nascimento de Maria é celebrado em 8 de setembro. Essa festa, celebrada primeiramente na Igreja do Oriente, foi incorporada ao calendário católico pelo papa Sérgio I (650-701), no século VII.

NOTAS

¹ Cf. Protoevangelho de Tiago 1,1; Evangelho do Pseudo-Mateus 1,1, e Livro da Natividade de Maria.

² Cf. Protoevangelho de Tiago I, 2. In: RAMOS, Lincoln. *A história do Nascimento de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1998.

³ Idem III, 4.

⁴ Idem, ibidem II, 1.

⁵ Cf. Evangelho do Pseudo-Mateus 2. In: TILLESSE, Caetano Minette. *Extracanonicos do Novo Testamento*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2003. v. 1.

⁶ Idem. ibidem.

⁷ Cf. Proto-Evangelho de Tiago 4,4.

⁸ A história completa de Maria nos apócrifos encontra-se em nosso livro: *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos evangelhos apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal